

SANTUÁRIOS: FRAGILIDADES, DESVENTURAS E ESPERANÇA

Duas breves notas introdutórias.

A primeira para vos dizer obrigado pelo vosso convite. De uma forma especial aos senhores cónegos do santo Cristo que o fizeram em vosso nome. Muito obrigado.

A segunda para vos dizer o meu objetivo neste encontro: quero sobretudo partilhar convosco uma reflexão dentro daquilo a que se chama Antropologia Teológica. Partilharei algumas teses sobre o estatuto contemporâneo do homem e mulher que somos hoje. No fascínio do Santuário. É meu desejo fazê-lo com humildade, no intuito de vos ajudar a refletir sobre o que somos, deixando algumas pistas de discernimento, no mundo que hoje é o nosso.

Escrevi a reflexão para me ajudar pessoalmente. Assim serei mais conciso. Espero.

O motete é dado pelas circunstâncias da celebração das *Bodas de Diamante* do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres (1959-2019). Muitas vicissitudes ao longo da História deste santuário, desde o século XVI até hoje; sempre o Senhor Santo Cristo e muitas Madre Teresa da Anunciada favorecendo o seu culto e devoção. Hoje aqui, nas nossas mãos, dependendo de nós, sendo sempre aquele espelho de Deus que nos favorece: “o Verbo fez-se homem e habitou entre nós”¹.

1. Em Vasos de Barro

Vem-me ao pensamento uma das mais habituais aventuras do nosso tempo: a de viajar muito; a de tomar o avião muitas vezes. A experiência diz-me que nas bagagens existe amiúde o dístico “frágil”, ou “quebrável”; isto para os bens dos passageiros, bens que exigem mais cuidado da parte dos bagageiros.

Nunca deparei com este dístico colocado em nenhum passageiro, ora é aquele que é mais frágil: as coisas quebram, as pessoas morrem.

O aeroporto dá-nos a sensação constante dos avanços da era tecnológica² e do estado vulnerável, quebradiço, das nossas identidades. Rotulados de “frágil” vão os nossos bens, recordando que somos nós os mais frágeis.

A vida é uma aventura sempre frágil, nas mãos do Oleiro invisível que a todo o instante nos vai moldando; tanta providência lhe merecemos. Passa connosco dias a fio para não quebrarmos; cada curva da vida, insensivelmente, pode ser fatal. Discretamente Ele está.

1.1 No princípio modelou-nos do barro da terra (Gen 2, 7) e permanece continuamente no torno para cinzelar nossas afeições, nas desventuras do percurso. Isto diz a providência que é uma atitude divina constante para todos, indo procurar-nos quando por vezes nos perdemos por nossas reais preocupações. Permanecemos no torno, no Seu ateliê, ao longo dos anos em que fazemos esta aventura prodigiosa que é a vida de cada um: atraídos sempre pelas mãos do oleiro. *A Sua providência é criação continuada.*

Intempéries haverá sempre; precisamos de voltar sempre à casa do Oleiro, escutar no silêncio a Sua Palavra que renova atitudes e projetos. É a advertência de Jeremias, tantos séculos antes da nossa era: “Vai e desce à casa do oleiro e ali escutarás a minha palavra” (Jr 18, 2). Quando o vaso não está conforme, o oleiro

¹ Maria do Rosário BARARDO – *Santuários Portugueses*, Prior Velho, Paulinas, 2015, 50-51.

² Leia-se a primeira parte da obra de Yuva Noah HARARI – *21 lições por le XXIeme siècle*, Paris, Albin Michel, 2018, 18-99.

amassa o barro com as mãos e volta de novo ao torno, com paciência e cuidado. Só quando lhe agrada, mete ao forno e o vaso será como quer: a nossa história é o diálogo franco do barro com o oleiro. “Na mão de Deus o barro de que nos formou pode adquirir firmezas de diamante”, escrevia Manuel Bernardes em *Nova Floresta*³.

1.2 Somos vasos sempre frágeis, uns mais frágeis e outros muito frágeis. Por vezes, nós esquecemos isto: somos todos vasos frágeis. Hoje parece que tudo vai bem, que estamos em forma, que vendemos saúde. Amanhã estamos num hospital, dependentes completamente de terceiros e fatalmente fragilizados. Fazemos a experiência da vulnerabilidade, de repente. O comum dos homens e mulheres faz os seus projetos ambiciosos e cedo mesmo os vê cair por terra: “assim em suas mãos nos troca a vida”⁴, escreve a poetiza Sophia.

Há entre nós os mais frágeis, porque não respiram tão facilmente, porque falam com mais dificuldade, porque se movimentam mais devagar, porque dependem muito de terceiros. Momentos há em que experimentamos o que é ser mais frágil, sobretudo quando um acidente nos rouba o que tanto amávamos. Estes são os mais frágeis.

Por fim os muito frágeis, por desventuras de má formação, por lapsos de ADN, por incúrias de formação no devido tempo, por erros de diagnóstico, por cirurgias menos conseguidas, por deficiências pessoais congénitas, por acidentes fortuitos. As cadeiras de rodas refletem estas fragilidades e as deficiências estão inscritas nos nossos ambientes sociais. Muitos são filhos da desventura.

1.3 Todos precisamos de viver constantemente nas mãos do oleiro invisível; para tal visitamos a sua casa. “Há um sentido e uma palavra de Deus que se colhe apenas na oficina do oleiro, contemplando a incessante dedicação das mãos (...) que trabalham o barro como se rezassem”⁵.

Estamos então convencidos que não somos a primeira instância do que fazemos?

Agimos. Alguém tem cuidado de nós, alguém vela por nós! Trazemos o tesouro em vaso de barro, para que não pensemos que somos radicalmente autónomos, fazemos algo que perdura, para que se clarifique bem o extraordinário poder do Oleiro (cfr 2 Cor 4, 7). O poder não é nosso; nós apenas vislumbramos a bela forma de tratar das benditas mãos do Oleiro, que atentamente da mesma massa, tanto pode fazer um vaso de luxo como um de uso vulgar (cfr Rm 9, 21). Eis o que diz a Palavra na oficina do Oleiro.

O importante é viver confiadamente nas suas Mãos, de forma **segunda?**, em cooperação e não em autonomia absoluta. O homem e mulher do nosso século envaidecem-se com obras que parecem deles, mas não o são fundamentalmente. Então vive-se sem consistência, alienado. O viver em autonomia absoluta torna-se vanglória. Precisamos de aprender a viver em autonomia relativa, ou viver nas mãos do Oleiro, a viver em cooperação.

Precisamos de confiar; precisamos de ir dançando nas mãos de Quem nos sustenta no ser; precisamos de passar sempre as privações, os sofrimentos na absoluta confiança, como é o caso de Job autobiografado no Antigo Testamento⁶: “eu sei que o meu redentor vive e prevalecerá sobre o pó da terra (...) eu mesmo o verei e meus olhos o hão de contemplar”.

³ Manuel BERNARDES – *Nova Floresta*, II, C.

⁴ Sophia de MELLO BREYNER ANDRESON – *Obra Poética*, Alfragide, Caminho, 2010, 323.

⁵ José TOLENTINO – *A Mística do Instante*, S. Paulo, Paulinas, 2014, 60.

⁶ Leia-se o livro de Job 19, 25-27.

2. Repletos de esperança

A vida mais ou menos alienada dá sempre seus sinais de fadiga.

Fazemos caminho carregados de aventuras e de desventuras: o caminho que se percorre é muito peado, travado, repleto de lentidões; as desventuras são prenes de sofrimento. A vida vai prosseguindo como desejo medido por sofrimentos.

2.1 A sociedade está repleta de sinais de desventuras. A vida impõe-se como cenário movediço de algumas mazelas. Ocorrem sem as esperarmos. Patenteiam a vulnerabilidade de toda a aventura, desde o nascimento à morte. Para os cristãos, a aventura da vida se transforma na paz beatífica.

Na esteira da vida acontecem desvios que não compreendemos, nem sabemos explicar. Não são o fruto do acaso simples. A aventura de cada um depende de si, de tantos outros e da mão que o orienta e consola. Sucodem eventos menos razoáveis, mas sabemos que nunca compreenderemos tudo. Esta abertura ao mistério da vida dá força aos cristãos, abertura ao outro lado da vida:

“Tu és a minha esperança, ó Senhor Deus
e a minha confiança desde a juventude.
Em Ti me apoio desde o seio materno,
desde o ventre materno és o meu protetor;
és o objeto contínuo do meu louvor” (*Salmo 71, 5-6*).

E também

“Só em Deus descansa a minha alma
dele vem a minha esperança.
Só Ele é o meu refúgio e salvação,
a minha fortaleza; jamais serei abalado” (*Salmo 61, 6-7*).

Na vida social há eventos que poderíamos evitar. Só não evitamos, porque somos demasiado hedonistas: na comida, na bebida, o excesso é sempre prejudicial; na pressa, na velocidade, o rápido nem sempre é o melhor; o desleixo, a leviandade, acarretam males piores. Tudo isto está em nossas mãos a princípio. Depois torna-se doença, obesidade, embriaguez, doença do volante, frouxidão, moleza, ingratidão. Muitos dos nossos males começam onde podemos atuar.

Há desventuras de sistema que pouco ou nada dependem de nós: o complexo causal dá-lhe origem. As doenças de carácter neurológico interrogam-nos. Doenças cancerosas também. As emergências de algumas doenças parecem dizer-nos que somos o produto de transformações que a natureza foi fazendo no complicado xadrez do nosso ADN.

Desventuras de hoje são, por vezes, o desfecho de opções de ontem.

“Por isso não percas nunca teu fervor mais austero

Tua exigência de ti e por entre

Espelhos deformantes e desastres e desvios

Nem um momento só podes perder

A linha musical do encantamento

Que é teu sol tua luz teu alimento”⁷.

“Apesar das ruínas e da morte

nunca as minhas mãos ficam vazias”⁸.

2.2 No interior de desventuras a esperança é como que a barra rígida de uma alavanca. Da sua consistência e cumprimento depende a propulsão do peso, como a dizia Carlos Maria Herédia, jesuíta, nas últimas décadas do século XX⁹. Cada ser humano tem a sua consistência recebida em vaso de barro. Precisa-se de acreditar nela, para mover os pesos que a labuta da vida vai trazendo.

Podem surgir muitos perigos e infortúnios, mas a esperança espreita de mansinho, aguardando novos dias. Há algo inscrito nos barros humanos que aponta para além de si e faz mesmo milagres aos nossos olhos humanos. A esperança é das realidades que se perde muito tardiamente. Imprime vigor ao dinamismo que nos habita: a cor temporal do mistério de Deus em nós (do ponto de vista crente), como lhe chamou Rahner – a esperança. “Mantém-nos vivos”¹⁰.

A esperança, como força criadora a nível humano, está assinalada em numerosos sítios: afigura-se institucionalmente hoje em tantas clínicas de fitness, augurando com certificado um futuro melhor, uma saúde mais robusta, uma ligeireza mais retemperante. Estampa-se em ginásios de educação física, de desporto para todos, onde os treinos quotidianos prometem um futuro menos pesado ou uma vida menos sujeita a tantas fragilidades. Em espaços terapêuticos modernos, públicos e privados, que vendem esperança em todos os patamares: tantos terapeutas (mulheres e homens) gastam o melhor da sua vida, porque acreditam que é possível melhorar ou pelo menos ir um pouco mais além. Fazem-se autênticos milagres na vida frágil de tantos, graças a horas de terapia da fala, de cinesioterapia (terapia pulmonar), de terapia física, de terapia dialógica, esta última em sessões coletivas de trabalho psicológico. Hospitais, Clínicas, Spas, Ginásios, Gabinetes, tantos lugares onde o humano gasta e vive da força que se chama esperança.

Entre nós, o Instituto Nacional de Emergência Médica – INEM – é instituição nacional em favor de tantas desventuras que nos assaltam de forma muito fortuita e que nos deixam sem forças ou inconscientes para poder resolver a questão: outros assinalam a esperança, e os técnicos acorrem velozes, com todas as esperanças para salvar mais uma vida ou para minimizar desgastes. A estas forças juntam-se tantos Bombeiros Voluntários que não pensam senão na vida de um terceiro: tantas forças sociais instituídas como metáforas da esperança.

As farmácias, na vida coletiva social, são as cruces salvadoras de tantas enxaquecas, pois facilitam a vida quando podem e, de mão dada aos médicos, afirmam sem fingimento que ultrapassar desditas está na linha da frente social. Uma esperança fervilha, mesmo de forma intermitente.

A esperança, modestamente, assinala-se em diversificados cenários sociais. Que o digam tantos SOS espalhados por todo o território. A vida é impensável sem estas luzinhas de esperança: “a humanidade seria extinta sem a esperança”¹¹, como o escrevia René Laurentin.

⁷ Sophia de MELLO BREYNER ANDRESEN – *Obra Poética*, Alfragide, Caminho, 2010, 810.

⁸ IDEM – Coimbra, edição da autora, 1944, citado por *Boletim Salesiano*, nº 570, 19.

⁹ Carlos Maria HERÉDIA – *A força que vence Deus*, Porto, Apostolado da Imprensa, 1961, 39.

¹⁰ José TOLENTINO – *A Mística do Instante*, Prior Velho, Paulinas, 2014, 38.

¹¹ René LAURENTIN – *Nouvelles dimensions de l’espérance*, Paris, Cerf, 1972, 12.

2.3 Esta esperança tem marcas, sendo uma delas a de se saber na terra dos homens: ninguém é dono da uma esperança individual sua. Vê-se rodeado de tantos que são necessários para a sua esperança: a esperança é *coletiva*. Os outros estão ao nosso lado, para sermos capazes de enfrentar as dificuldades que nos assolam. Ninguém é dono isolado da sua esperança. Temos necessariamente de viver com os outros. Com os outros, enfrentamos a vida. Com os outros damos um pouco de nós. Com os outros damos solução ao que aparece em sobressaltos. A esperança é forçosamente marcada coletivamente. A nossa esperança é nossa, porque vivemos rodeados doutros. Sozinhos sucumbimos depressa aos atropelos da vida. Dizia Gabriel Marcel em 1951: “A esperança esvazia-se da sua significação e da sua virtude se ela não é a afirmação de um ‘*nós todos*’, de um ‘*todos juntos*’”¹². De facto, todos temos necessariamente de recorrer a um vizinho, amigo ou irmão, nos casos de dificuldades, de desventuras, na doença ou nas lides diárias.

Esta dimensão coletiva da esperança traz consigo uma irmã gémea, pois não há esperança sem uma atividade, sem um gesto, sem uma ação, sem um agir que supõe vontade *ativa*. Esta segunda dimensão está sempre presente, mesmo nas maleitas que obrigam um doente a prolongado internamento hospitalar. É fazendo que a esperança se manifesta. É obrigatório que cada um faça, ainda que seja o soltar de um primeiro gemido quase natural. Mesmo quando parece que tudo acabou, é cada um que vai continuando a fazer gemer a sua esperança. Isto é notório nos hospitais, onde os internados acenam aos outros o que lhes vai surgindo. Os cuidadores ou cuidadoras, as enfermeiras e os médicos, reagem a pequenos gestos de algum sinal, mesmo muito ténue, no ecrã do monitor de sinais vitais. A esperança dá curtos, até muito fracos, mas dá sinais: diz que ainda geme e faz pulular cuidadores, pois ainda há esperança. A virtude, no íntimo de cada um é ativa, eficiente, mesmo mansa ou quase insensível.

A esperança estala-se no tempo dos homens. O primeiro dom da personalidade humana é o tempo, tão insensível como discreto. O tempo passa de forma discreta e não diz a sua gratuidade: é para tudo e serve para afirmar ou para desmentir. Nunca se irrita, mas a quem o lisonjeia não se dá por achado e a quem o renega, nunca se incomoda. Está na soleira de qualquer esperança e nunca é inconveniente, nem interesseiro, nem mordaz e traiçoeiro: vem, sem que ninguém pense nele. Só dá que pensar posteriormente. É leve, embora preenchido de bugigangas. Não é nervoso, mas dá boas vindas a todos, mesmo cansados com ele. A esperança nasce nesta terra de que não se sabe o nome. É revestida de *temporalidade* e dança com o tempo sempre que alguém lhe dá a mão.

Quando isto acontece, torna-se *histórica*. É colega e faz acontecimentos, sempre que se vive com os outros. O despercebido torna-se em acontecimento e faz primeira página nas notícias do sítio. A esperança desenvolve-se em história e canta tradição, instante e posteridade. Regista néscios, vagabundos e heróis e vai falando deles a quem deseja inscrever-se no seu registo universal: abre as páginas com enlevo e devolve a muitos o seu tesouro, porque se aprazem com ela. Divertem-se construindo. A marca histórica da esperança dá que falar aos vindouros, sem disso se preocupar. A História é tecida por tantos que se norteiam por uma força que está neles para além deles. De certa forma é teimosa no conserto que elabora com os parceiros. Tem passado, presente e futuro. A atividade da esperança abre possíveis, aureolados de novidade, mesmo quando parecem o mesmo, já que a novidade tem o timbre do inédito, no volver de cada geração. Não se lamenta, se o acontecido é inexplicável, dado que a ciência do presente ainda pode estar fechada; outros dias a abrirão e fará caminho. “A esperança é capaz de dialogar com o futuro e de o aproximar”¹³. Dito de outro modo “Eu sou *eu* no tempo (...). Decorro desde o passado que trago comigo e tenho já agora, em certo sentido, também o futuro: em forma de esperança, planos, preocupações”¹⁴.

¹² René LAURENTIN – *Nouvelles dimensions de L'espérance*, 118.

¹³ José TOLENTINO MENDONÇA – *A Mística do Instante*, Prior Velho, Paulinas, 2015, 65.

¹⁴ Tomáz HALÍK – *Diante de Ti os Meus Caminhos*, Prior Velho, Paulinas, 2018, 21.

As páginas da esperança enchem de alfarrábios as estantes das bibliotecas. Pontilha serenamente, mas com eficácia. Por vezes denota nervosismo, sem com isso se molestar. A cidade dos homens vai sendo feita por artesãos finitos. Muitas vezes é pioneira nas mudanças de direção, dá norte a um ponto, assegura-se politicamente da empreitada. Concerta-se e abre cores um pouco ousadas; constrói e segue o seu rumo. Politicamente, o fruto é muito superior ao esforço desenvolvido. Vive confiante. Porque atua, abre o futuro. A esperança tem também uma *marca política* de raiz. A esperança faz parte da estrutura antropológica comum: “é a antecipação militante do futuro”, como o refere Pina Ribeiro¹⁵. Pode ter que ter paciência, mas espera o possível. Faz parte da diária construção simples que vai fazendo: nunca é tarde para a fazer acordar. Desenvolve a *marca política* discretamente. É fresca e ponderada. Robustece-se à medida que a vida vai rolando. A marca é pessoal, embora exija o jogo dos parceiros de geração.

A esperança tem também a marca do lugar: é eficazmente *topográfica*. Somos todos filhos de um espaço. Na atual conjuntura sonhamos muito, sempre situados e realizando o que mais conseguimos. A nossa vida descreve uma biografia geográfica, sempre com sítios mais familiares ou mais oníricos. Temos necessidade de elaborar temas e mapas dos nossos desejos e das nossas conquistas. A nossa esperança está coberta de topónimos, que acariciamos e nos levam mais longe. Está por publicar o que a esperança em nós vai realizando, sarrabiscando em mapa sonhos e realizações: seria uma carta bem linda, expondo o que mais nos norteou. Vamos a lugares impensáveis e congeminamos o inédito.

Naquilo que conseguimos ir modificando no mundo, toda a esperança é sumamente *criadora*, liberta energias, faz e cria o futuro. Não vive somente de quimeras, mas faz com que aconteçam momentos novos, tem a arte criadora inscrita indelevelmente. A esperança é em cada um uma arte de modificar cenários, mesmo em sonhos, que se tornam belos quadros com o passar do tempo. As paisagens novas e modificadas estampam atores e fotografam belas artes. Nisto a esperança estende sempre a mão a algo belo, pelo menos para si. Isto quer dizer que inventa algo inédito; não se conforma com este mundo, mas transforma o que ama, o que espera e o que crê¹⁶ (J. Moltmann). Eis uma marca que a define de forma justa para o mundo de hoje: não desiste, mesmo frente a limites. Neste sentido é criadora combativa.

Sabe ver para além do opaco, vislumbra terrenos diferentes, sempre que surge algum imprevisto. Sabe tornar fecundo o campo da espera. Não desanima em face de protestos. Vê para além do imediato. Aqui se exercita a sua matriz artística: quando tudo parece ruir, mais além há algo a fazer, recria-se a possibilidade do futuro e sai-se ileso de algumas intempéries. Os limites não são obstáculos, mas trampolins. A esperança leva por esse mundo fora. O último trampolim faz surgir um outro mundo, com coordenadas diferentes: então será o pleno ser para quem viveu na esperança. Quem nela vive, de limite em limite, *experimenta já Vida sem fim*¹⁷.

3. Seduzidos pelo Santuário

Na labuta humana do quotidiano, sempre marcada pela esperança, todos os santuários aparecem como sinal, apontamento, seta e fonte das buscas dos homens e mulheres: sejam santuários do Senhor, dedicados à sua Mãe ou mesmo a outro santo.

3.1 Sinal físico de uma realidade complexa, que serve os homens e lhes confere alguma estabilidade: sinal de que a vida está muito para além do físico. Um Santuário é sempre um sinal do diálogo permanente

¹⁵ Abílio PINA RIBEIRO – *Nossa Senhora do Evangelho*, Prior Velho, Paulinas, 2016, 213.

¹⁶ Jurgen MOLTSMANN – *Théologie de l'Espérance*, Paris, Cerf-Mame, 1973, 355.

¹⁷ Sobre estas dimensões da esperança, fomos norteados pela obra de René LAURENTIN – *Nouvelles Dimensions de L'Espérance*, Paris, Cerf, 1972, 95- 154.

entre Deus e os homens. Pode ser de grande valor artístico, como o vosso. Mas é sempre muito afetivo porque diz o itinerário de tantas fadigas e queixumes. É sinal físico do mistério, pois aproxima e desperta todo o que dele se abeira, o busca. É dele espelho¹⁸.

O santuário é apontamento de mil histórias de vida de tantos, que por ali passam e de mãos que o construíram com esmero. Os santuários são lugares de memória viva: primeiro destes últimos e gloriosos sessenta anos, como santuário do Santo Cristo; nossos antepassados levaram por diante a saga de uma missão em Roma; depois, tantos séculos em que a imagem foi venerada no Convento da Esperança e, previamente nos cenóbios da Caloura. A História fala de muitos; queremos que o presente fale de todos. Os santuários ostentam pedras que falam eloquentemente deste peregrinar dos povos: o Santo Cristo dos Milagres não é, nem foi, um santuário mudo. Falam bem alto todas as sagas de romeiros desde o século XVII (desde a Caloura até ao convento da Esperança). Afinal este apontamento diz respeito a nossas vidas, na simplicidade de um gesto ou no calor de uma prece em momento de infortúnio.

O santuário é seta que indica um caminho a seguir e outorga a todos robustez. Em cada sítio está inscrito um recado para nós, que andamos distraídos com as sequências de uma vida cheia de fragilidades. Distraídos por sacos de preocupações, que desaguam em petições.

As jornadas são demasiado secas e um santuário é fonte, dessedenta a sede física e faz despertar a sede espiritual: os santuários são fontes cristalinas a jorrar permanentemente.

3.2 A vida do homem sobre a terra é a dum peregrino.

Desejamos sempre o lugar onde não estamos e mendigamos um tempo fora dos limites deste que vivemos. Somos sempre insatisfeitos: vamos à procura de um lugar que nos plenifique, de um tempo que não se esgote com as pancadas do relógio. Somos peregrinos de uma outra pátria, porque insaciados com esta¹⁹. Anelamos por um lugar fora do tempo e fora da geografia comum. Os nossos desejos não chegam a esgotar-se e desejamos sempre mais. A vida é uma manta de farrapos que desejamos e cozemos.

Os limites são muitos: quantas histórias escondidas pelos passos apressados de tantos; quantas páginas escritas com o sangue de tantos que mendigam um pouco mais de paz nas suas vidas. Quantos infortúnios e maleitas que silenciosamente desaguam no santuário, entre gestos e preces ao Senhor Santo Cristo. Quantos murmúrios entre os lábios, quantas feridas abertas no coração, quantas lágrimas derramadas em angústias e canseiras. Quantas desventuras inesperadas que foram lavadas no santuário e nele serenadas.

O santuário é sinal de todos, os que mendigamos novos dias; é sinal de que no nosso interior se edifica silenciosamente uma torre onde temos acesso a Deus. É sinal do santuário da alma, que floresce sempre que nos encontramos com Deus. É sinal do espírito e verdade em que fazemos as nossas preces. É sinal do homem que se embeleza, sempre que alguém murmura o terno nome de Deus, seu Pai. Os santuários são belos, porque a nossa vida é muito bela. As imagens são bonitas, porque é bonita a nossa arte. O sinal do santuário fala de nós, pois Deus é nosso amigo e faz connosco aliança.

Quantos apontamentos nossos relemos nos santuários, apontamentos de limites, de canseiras excessivas, de atividades desnorteadas: os santuários são delas apontamentos, para aí lermos o nosso percurso que é agradável Deus. Embora aconteçam muitas sublinhas e uma pontuação exuberante nestes apontamentos, embora nem sempre os compreendamos nem com muito esforço; embora digam uma confiança gigantesca de algumas horas amargas, estes apontamentos são nossos. Deus guarda-os como o

¹⁸ Maria do Rosário BARARDO – *Santuários, op. cit.*, 16.

¹⁹ Veja-se José DA SILVA LIMA – *A Peregrinação*, Lisboa, INCM, 2007, 17-39, 73-96.

tesouro escondido, sabendo que são nossos, pois foram assinados por cada um. Sim, em circunstâncias de muita luta pessoal para fugir às intempéries da vida. Os santuários são cofres ou arcas de Deus, para guardar com carinho as nossas canseiras **andadas** ?.

Passados anos, alcançada a paz imorredora, saberemos que Deus olha sempre com bondade para estes arquivos.

3.3 Depois de muitas horas de grande esperança, alcançamos a fonte, que afinal estava dentro de nós, pois o santuário é nosso companheiro, como o fora para Zacarias na visita de Maria²⁰. A boca desta fonte está sempre a jorrar água viva nos arremessos constantes da labuta diária. Assim se compreende o Zelo de Deus, a amizade que nos tem.

Não somos nós que o procuramos. Ele é que nos procura permanentemente. Sempre que a sede se dessedenta, Deus vai na frente abrindo clareiras no caminho constante. Os santuários nos caminhos dos homens refletem de forma silenciosa e eficaz a aliança inquebrantável de Deus conosco. Quem tem sede somos nós. Quem vai à fonte somos nós. Mas dentro de nós uma voz murmura que está atenta e vela para que a fonte jorre sempre: o amor infinito de Deus fascina, mesmo de forma muito ténue, “a sua voz até se faz ouvir melhor na privação (...). Esta vida ferida por contingências e escassez, dolorosamente limitada é o poço onde a manifestação de Deus se dá”²¹.

Comprendemos então melhor os mimos do Senhor Santo Cristo, os olhares do Senhor Bom Jesus, os Seus toques secretos na alma de cada um, quais forças inexplicáveis da Sua peregrinação em nossas peregrinações: “Deus se dá ausentando-se”²² e nós O experimentamos como Ausente. Vivemos seduzidos pelo santuário.

A fonte é requerida em todas as passagens, sobretudo quando o sol é tórrido e a terra assinala uma travessia mais queixosa, mais gritante.

Então *“a minha esperança mora*

No vento e nas sereias

É o azul fantástico da aurora

E o lírio das areias.” (escreve Sofia de Mello Breyner Andreson²³).

Cada santuário escancara a promessa de Deus.

Antiga e nova, a promessa alumia quem caminha e provoca os gritos incessantes de quem não desiste de caminhar: a promessa dita a saída com horizontes carregados de bênção. Os gestos no santuário são selados da bênção prometida. Quem visita o santuário encontra Cristo, mesmo inominado e deste encontro desliza sempre a promessa renovada: sai e verás a terra de bênção, repleta de bens de que tens necessidade, sempre tu serás bendito. Por vezes não se compreende logo. És bem-vindo, longe da desventura, porque é o teu Senhor que te conduz.

Não percas o norte que te fez caminhar até aqui. O teu Senhor está em ti, Cristo encontra-se contigo: renova a promessa e segue viagem!

²⁰ Cfr José SILVA LIMA, « La visite au Sanctuaire, considérations anthropologiques » – in *Il Santuario, spazio per un'accoglienza fraterna e universale*, Vaticano, 2002, 34.

²¹ José TOLENTINO MENDONÇA - *Elogio da Sede*, Lisboa, Quetzal, 2018, 106.

²² José TOLENTINO MENDONÇA – *A Mística do Instante*, Prior Velho, Paulinas, 2014, 45.

²³ Sophia de MELLO BREYNER ANDRESON – *Op. Cit.*, 161.

Encontra *a tua morada*. Não te deixas confundir em movimentos incessantes, mas apercebe-te da tua casa sólida, do teu lar, longe do barulho das praças que diariamente edificas²⁴.

Estás bem na casa do Pai, que por vezes deixas, atrapalhado com os ambientes que te tornam cego e que te cativam. Estar em Deus é a tua morada predileta. É o teu lar. Estás bem. Na tua vida nunca esqueces o caminho para a morada, preparada para ti. Sentes-te bem, pois não foste criado para a contínua transumância, mas a tua peregrinação desemboca num lugar onde estás bem, em paz, em segurança.

É natural que no santuário procures dar um abraço a quem te sustenta na tua caminhada. É normal por isso a tua forma de o fazer, pois és rico em linguagens: a palavra, a escuta, o toque, o silêncio.

Não te proibem o que vem do teu coração! Sê fiel a ti mesmo e vai onde o coração te disser. Entrega o teu coração frágil à pessoa certa²⁵, a Deus teu Pai. No santuário está à prova a liberdade a que foste chamado (Gal 4, 5). Para ti, o santuário é um lugar de encontro, de ti contigo (de ti com tua alma), de ti com Deus que aquece a tua peregrinação, que te oferece um coração novo.

O santuário não constitui para ti *somente um edifício; é uma morada*. No santuário estás bem e bem contigo e com todos: nele relembras as tuas lembranças, nele encontras os teus sinais de carinho. Estás em tua casa. Repartes o pão à mesa e ceias na presença de teus familiares. Deus está junto de ti e contigo (Cfr Ap 3, 20).

Por isso a peregrinação que fazes te reanima.

Encontras-te e és rejuvenescido.

Neste encontro final pareces ter asas. Nas tuas fragilidades, tens uma vontade nova. O santuário faz em ti o milagre: estás na casa do Oleiro, quando entras no santuário.

Muito Obrigado.

Padre José da Silva Lima, UCP.

²⁴ François-Xavier BELLAMY – *Demeure*, Paris, Laffont, 2018.

²⁵ Cfr Manuel RIBEIRO – *O Céu é para quem não desiste de voar*, Lisboa, edições Manuscrito, 2019, 81.